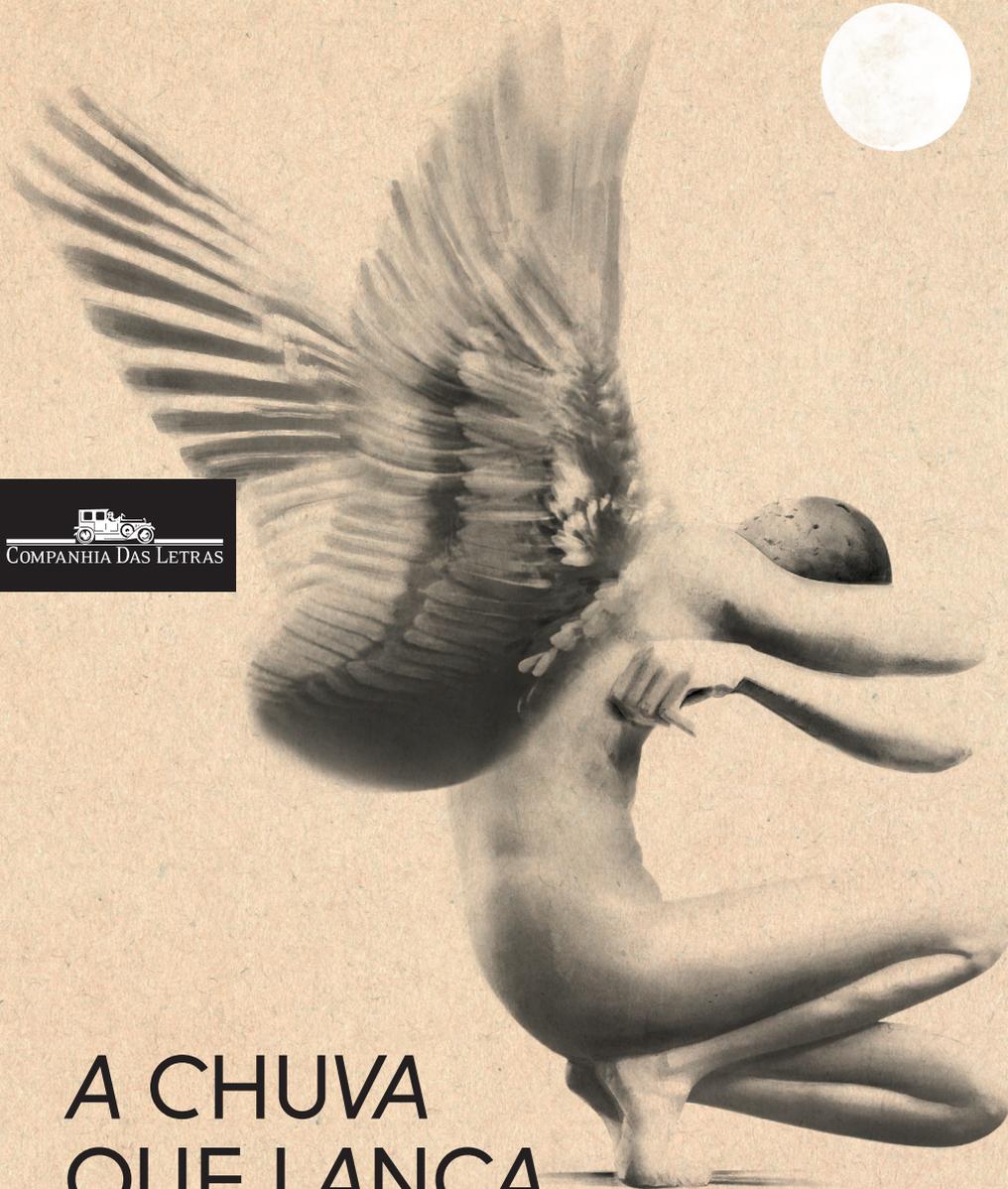


ANA MARGARIDA DE CARVALHO



COMPANHIA DAS LETRAS



A CHUVA
QUE LANÇA
A AREIA DO SAARA

**CAPÍTULO PRIMEIRO. AQUI, COMO DE COSTUME,
TUDO SE DEMORA, QUEBRA E BARALHA
E VOLTA A DAR**

E vai daí não sei. O quê? O ódio vesgo dos caminhos. Já acordaste? Não sei. É esta a tua mão? Não sei. Este joelho é meu ou teu? Tanto faz. Tens medo? Às vezes. Estar completamente bêbado será um pecado assim tão grave e sem remissão? A única vantagem é que passa, mais cedo ou mais tarde. Um dia, a gente acorda disto com uma polifémica ressaca. Ou com um olho esvaziado. Ou agarrados, carraças invertidas, às partes baixas de uma ovelha. O grande inimigo são as escadas, as encostas, os degraus, tantas esquinas tem o mundo, meu deus, não facilita nada, tanta serra, tanta cumeada, tanto morro, tanto promontório, tanta ravina, tanta profundidade, tanta falésia, tanta escarpa, tanta arriba,

que planeta eriçado de ingratidão,

e ainda há os que dizem que a Terra é plana,

tanta curva,

e ainda dizem que há rectas infinitas que jamais se cruzarão,
como dois olhos fitos até ao dissolver dos tempos,

querias que se cruzassem os olhos como os teus joelhos bambos que se abalroam, convexos de cobardia e embriaguez?

E se os olhos estrábicos não forem senão uma forma que a Natureza arranjou de o olhar se encontrar consigo mesmo, mais adiante no caminho,

há tantos assombros no mundo e quem se esforce por torná-lo ainda mais enganoso, os socalcos no meu pensamento, uma estrada por rasgar em terreno áspero, sei lá se ontem, se hoje, se há tanto tempo.

Onde estamos agora? Nunca estamos agora, mesmo que estejamos parados, o presente é um momento da espessura de uma cicatriz, encaixado entre duas inexistências, um passado que não já o é e um futuro que logo à primeira sílaba se torna passado. Tudo é ontem ou está prestes a sê-lo. Olha, agora, vês, já foi. E se te deixasses dessas considerações aristotélicas e te concentrasses nesta estrada desconhecida por onde te levam à tua revelia?

Dizes que tecnicamente isto pode ser considerado um rapto? Não me parece, sou um estorvo, não um benefício, não faculto resgates, não suscitarei buscas, não deixarei saudade. Mas e a tua vontade? Não a tenho própria, apenas boa.

Além do mais,

além do mais, o quê?

Prefiro concentrar-me nos meus sonhos, que são feitos de outros sonhos.

Ah, o sono que deslinda a tessitura das preocupações.

O quê? Nada. Mecanismos de intertextualidade pretensiosos e desadequados nestas paisagens rústicas. Dorme, que fazes melhor.

Acorda-me quando começar a eternidade, e o pingo de água fizer a primeira mozza na esfera de ferro.

Além do mais,

que é agora?

Mesmo que algo nos tenha magoado há muito tempo, se ainda dói, é porque é presente. Talvez tenhas razão, a mágoa suspende o tempo, não se deixa envelhecer. Capaz de sermos anciãos enrugados e andarmos com uma dor viçosa cá dentro.

Sou tão pequeno, mãe, consegues ver-me aqui em baixo? Entre a sonolência e a insónia, difícil é descer o poço, lá onde as águas são virtuosas, e o sol não agride, e a noite não pesa, por companhia só sapinhos anémicos e peixes sem olhos, imerso dos pés à cabeça. Achas que assim acordas de ti próprio? Quem sabe, desobedecem-me as articulações, ainda agora a mão na berma, ainda agora o pé no vazio, a adejar, querem ver que subo, ao invés de descer? Escalar é ofício para sóbrios, tão determinados em mais um fôlego, deixam sepultadas no lodo unhas arrancadas, esfolados os nós dos dedos, pedaços de pele entalada nas lajes, que vontade tão insana de viver,

há gostos para tudo.

Os ébrios, esses, escorregam, estatelam-se com a amabilidade de um fruto apodrecido, a delicadeza de um pingo resinoso, deslizam apenas, entregam o corpo ao chão com tanta benevolência, não se molestam. E fazem amizade com ele. Para eles, o cimo disto está no fundo. Os sóbrios é só ossos, só cotovelos, só ângulos, só precauções, escaqueiram um pulso para poupar os dentes, sacrificam o cotovelo para não baterem com a cabeça, oferecem o sobrolho para não furarem uma vista. Os bêbados não se queixam, só descobrem na manhã seguinte nódoas de sangue pisado que não estavam lá antes, constelações de manchas arroxeadas que tracejam figuras mitológicas na carne. Ainda agora, acima de nós, a Cassiopeia, rainha invertida de vaidade, trinta estrelas seriam se me pusesse a contar, os bêbados são dados a estes caprichos, capazes de começar tudo de novo se se desorientam no cosmos, melhor seria, aí as pernas não se embaraçam, caminha-se com os olhos no espaço celeste, costas no chão, barriga para o ar, a fazer cálculos com o indicador, a pinçar com o polegar ao alto, cósmico compasso, e saltar sem percalços da mãe para a filha sacrificada, Andrómeda, longa como a corrente com que a prenderam a uma rocha, iguaria rara para monstros marinhos, oxalá não lhe provocasse indigestões, que os filhos pagam sempre pelos pais, e o monstro apenas arriscou a dieta alimentar, deixa lá ver a que sabe agora este mexilhão sem casca,

se te preocupasse mais o caminho pedregoso por onde te levam nesta carroça de caixa aberta, e menos os enredos estelares,

eu não escolhi o caminho das pedras,

escolheste o caminho dos cardos? Também não, ainda assim, pisa devagarinho, porque andas sobre os meus próprios desgostos,

procura não os despertar ou faz por enterrá-los mais fundo, por debaixo da pele, a romper músculos e a roçar o osso.

Farei por isso, aliás, colocaremos uma pedra sobre o assunto.

Para que fique claro entre nós, detesto pedras. Porquê? Acho que li em qualquer lado que o sonho das pedras é serem silêncio. Ou seria o contrário. Também resulta bonito. O sonho do silêncio era ser pedra.

Desse deus corpo ao silêncio seria uma fraga.

Eu gostava de lhes dar vida, durante um segundo, só para saber o que têm para dizer.

Por favor, cala-te, peço-te, não falemos mais em pedras. Está bem, que bizarra aversão. Seja, mas repara que as pedras são mais traiçoeiras do que punhais, esses ao menos não escondem intenção, sabe-se ao que vêm, rasgar, furar, esfolar, as pedras não,

estão, estão e estão, apenas.

Pousadas, inertes, silenciosas, mas sonsas, são capazes de não se mover durante biliões de anos, jazem enterradas, testemunhos da crosta terrestre, solidificação do magma,

Ígneas?

Quê? Nada, continua, é só uma oportunidade de usar uma palavra invulgar,

e depois embatem e afastam-se placas continentais, implodem em lavas e piroclastos, convulsões interiores, de tectónicas envergaduras, enxurradas, aluviões, em pacientes desgastes, lentos desmoronamentos, e elas, pérfidas, libertam-se, fragmentam-se, atingem a superfície,

impávidas,

na sua indiferente rigidez, insidiosas zircónias, arrogantes granitos, prismáticos quartzos, emproados mármore.

Não cheira a barro quando bafejada,

não se risca com unha,

Que dizes?, deliras. Nem por isso, são gerações e gerações de crianças nas escolas a bafejar e a arranhar pedras, coitadas. De quem? Das crianças ou das pedras? De ambas. Repara,

estás a mudar de assunto? E daí não sei. Os bêbados fazem-no frequentemente. Passos vadios, discursos errantes. Do Sol ao solo.

Sabes, um bêbado derramado conseguiu o melhor posto de observação de estrelas, bússola dos pobres, o solo, privilegiada circunstância, não há melhor postura do que ficar estatelado nele, nem maior firmeza, é ele que nos ampara, é a ele que ofereço o meu peso, do chão não podemos cair, e dele soerguem-se os olhos no sublime esplendor de um cemitério astral,

as estrelas, como tantas pessoas, brilham muito mais depois de mortas, esses tantos que na vida levaram opacas existências

e rasteiras determinações, enquanto formidáveis bípedes, a espargir deslumbramentos, no alto da sua soberba altivez, ofuscando os demais, e ninguém teve o discernimento de colocar nas vistas palmas da mão, toldos de carne e cinco dedos simultâneos, a precaver fúteis e breves cintilações.

Muito adjectivas tu quando estás bêbado, parece que aproveitaste esse tal discorrer errático próprio dos ébrios para passares recados, dissimulados, entre as linhas aleatórias, e vais lançando mensagens para o espaço que jamais alguém alcançará. Ora, quem te garante que as estrelas continuam lá quando não olhas o céu? Convém manter esta cósmica vigilância, só para garantir que existimos também. E daí não sei. Aprecio muito corpos com luz própria, que não necessitam de outros para brilhar.

Afinal de contas, somos todos peões, nesta vida. E daí não sei. Alguns chegam ao final do tabuleiro e transformam-se em rainhas.

É muito raro, mas às vezes acontece, pergunta antes quantas peças tombaram para que uma só vingasse no caminho, sei lá, na minha terra um forasteiro montado num cavalo cego apareceu-nos a dizer que era o trabalho que gerava a riqueza, revoltam-se, pá, e depois?, depois não sei, nunca mais se lhe ouviu nada, porquê? Dizem que se afogou, que saltou para um poço, que se despenhou da ribanceira, que se atirou para debaixo de um comboio, estranho suicídio esse, todos os suicídios são estranhos, ora, os finais de vida normais não têm nada de especial, isto é uma caminhada com tragédia à vista. Também o alcoolismo é um suicídio lento, vais intoxicando as vísceras, sobrecarregando o pâncreas e afogando o fígado até

este ceder e mirrar como crânios capturados e cozidos pelos índios jívaros. Uma vez, disseram-me, o homem bebe álcool, depois o álcool bebe o homem, por fim o álcool bebe o álcool. Em que fase vais?

Na fase de Dolokhov, na casa de Anatole Kuraguine, capaz de beber uma garrafa de vodca de um só trago, empoleirado no parapeito, e ganhar a aposta de 50 rublos...

Nem cinco copeques ganhavas. Vá lá, quem julgas impressionar neste ermo de fragas andantes?

E daí não sei. Mas pára de me lembrar os rochedos do caminho.

Na verdade, nunca saímos da idade da pedra.

Queres ou não saber em que fase vou? Quero.

Estou na fase de ser capaz de ingerir a minha própria urina para não perder o álcool expelido...

É grave, tenho de admitir. E ainda insistes em que o que nos está a acontecer pode ser considerado sequestro? Se nós seguimos aqui repimpados na carroça, sem oferecer resistência, parece-me difícil, quantas oportunidades tivemos para saltar e não o fizemos? Faremos agora, que me dizes? Ao sinal de três, saltamos, vamo-nos a eles e perdemo-nos nestas cordilheiras.

Que achas mais importante para sobreviveres, seres inteligente ou teres sorte?

Os falhados na vida são sempre devotos do acaso. E depois? Nunca desconsideres as inextinguíveis oportunidades que ele nos oferece. Não teimes em ser aquilo que queres, hás-de ser apenas o que te acontece. Aconteceu-te o fundo de uma garrafa. Deus joga comigo aos dardos.

Costuma dizer-se deus joga aos dados. Comigo é diferente, sou o alvo dos dardos que ele lança, acerta em vários órgãos, quando acertar no círculo vermelho são cinquenta pontos para ele, uma morte para mim.

E daí não sei, tudo depende da raiva e da pontaria. No xadrez não há acaso, não há imprevisto, não há acidente, não há caos. Tudo se passa no córtex pós-frontal. É, aliás, a única ocasião em que andar aos ziguezagues,

duas casas em frente e uma ao lado,

não é predicado de bêbado, mas forma adequada de progredir. Se soubesses quantos desequilíbrios são precisos para conseguir um equilíbrio. Tal como os tolos que olham para o dedo quando se aponta as estrelas, os amadores contemplam as peças, espiolham as suas bases, reparam nos remates monárquicos, em vez de se aterem ao centro do tabuleiro e suas infinitas geometrias.

Tanto talento para tão pouca ambição. E afinal que fazes das peças tombadas pelo caminho,

valerá a pena? Antes chafurdar na mágoa e no meu próprio vômito. E nas lágrimas da tua mãe. Agora, foste longe demais, estou capaz de te empurrar da carreta abaixo. Só porque te falei

do desgosto da tua mãe? Não precisas de me lembrar isso o tempo todo,

e eu não a deixei cair, mãe,

do chão também tenho uma boa perspectiva da vida. Daqui posso dissecar as minudências, sentir o abalo sísmico do descolar do gafanhoto, o estrondo da folha seca renitente quando o vento a desprega do caule, réstia de esperança de vida, o primeiro bago de chuva depois da trovoadá, saber o ponto exacto em que a terra arrefece de dentro para fora sempre que o Sol se põe, tactear a moldura da pegada das cabras, deitar-me sobre as primeiras palpitações dos bichos da noite que começam a despertar, importunar carreiros de formigas.

No mar um tubarão consegue detectar o teu batimento cardíaco a meia légua de distância?

Que vem isso a propósito? De nada. Quer dizer que ainda te resta essa fraqueza de te saberes mortal, sempre que te afundas na bebida?

Mais depressa me arrancam as unhas do que uma confissão.

Bom, chega-te para lá, esta bebedeira começa a ficar demasiado pequena para nós dois.

Cada dia é o meu fim do mundo. Cada noite, o princípio de mim.

É a vida. Tudo tem os seus custos. Apenas uma ratoeira oferece queijo de graça.

Em troca dos teus ossos esstraçalhados. Ah, outra contradição, afinal a dor também a temem os bêbados?

Quem é o primeiro a saltar, tu ou eu?

Eu não a deixei cair, mãe.

Porque é que tens sempre de arrastar a tua mãe para infortúnios que só a ti dizem respeito? Ela leva cada amargura que lhe dás para um sítio onde é sempre noite.

E o teu pai?

Um pouco mais parente e menos que pai, por favor.

O teu tio Cláudio, tornado padrasto.

Que têm os meus pais que ver com tudo isto? E daí não sei, se são eles a barreira entre ti e a morte. É quando eles morrem que a vida se torna uma ladeira inclinada, carregada de centopeias esmagadas, tão viscosas, que fazem descarrilar comboios, comesças a resvalar por ali abaixo. Enquanto isso, com a sua burocrática avidez, a morte apregoa: o seguinte!

Milípedes.

O quê?

As centopeias que, quando esmagadas, fazem descarrilar comboios.

Quanta sabedoria dispersa, quanto conhecimento dissipado.

Desenvolvi uma técnica para ler duas linhas de um livro ao mesmo tempo, tinha de ser rápido, antes que o álcool absorvesse a minha atenção, e as tremuras tomassem conta dos meus dedos, mas ao fim do dia tudo o que lera se me esvaía.

Durante um ano, li sempre o mesmo livro, era o tomo da enciclopédia da letra C. Quanto potencial tem a letra C. Cabe uma vida lá dentro. Um cabaz inteiro. Crise, caos, cataclismo, palavras gregas.

Cabalacaxengo, s.m. Pássaro conirrostro da África Ocidental.

Cabrita, s.f. Antiga máquina de guerra que arremessava pedras.

Caravela é o diminutivo de cáravo, s.m. antiga embarcação asiática, de vela latina.

Colibri, cavernícola, cadeira, cara ou coroa.

Tanta acumulação inútil, ora as gaivotas grasnam, a caravela passa,

mas depois tudo se me embaralhava no pensamento, ou me ocorria em momento inapropriado, e já não distinguia o delírio do sonho, a memória da ficção. O que era a minha imaginação e o mundo real.

Onde fica esse mundo real? Não sei, se soubesse ia lá mais vezes.

São paisagens ou lembranças delas que me entram pelas pálpebras, frestas de um quarto vazio?, e as pedras que caminham, inquietantes, nas encostas sob esta claridade lunar?, curioso

sítio este onde as pedras têm patas e vontade própria. Estivesse tu menos embriagado e verias que aquilo a que chamas pedras são rebanhos. Quanto à vontade própria, reconhecerás que pouca resta às cabras, entre a saída do ventre e a entrada no açougue. Talvez, mas, se estivesses tão bêbado como eu, compreenderias a beleza dos pedregulhos a pairar acima do solo, a fundir-se na sombra e no basalto. Libertados da força gravitacional da Terra, como nuvens desertadas. Os bêbados, além de sentimentais, também são assim a modos que trovadores? Há certas vantagens, onde tu vês aridez, eu pressinto complacência. Mas sempre que precisares, já sabes, a minha alucinação é a tua alucinação. Mesmo a esta cheia de vômito, bÍlis e asperzas, serás bem-vindo. Aqui de cima, no paraíso do desespero, contemplo as ruínas, esse dormitório de abutres, entre os arranços do estômago e os da carroça, aguardando a absolvição ou o absinto. Deixa-me afundar ainda mais, ser honestamente solitário, entrançar tédios, esquecer tudo o que traí, abandonar para sempre o que perdi. Esquecer que esqueci. Sabes o que significa quando comesas a olhar com tanta insistência esse destroço de corpo, observado de cima, olhos rapaces, que seguem fixos o homem estirado na carroça, entre carga rústica, embotado ele em pensamentos sem sombra, e de vestes embebidas na sua própria urina? Não, o que significa?

E vai daí não sei,

mas parece que o ténue fio que te liga ao pobre espólio humano lá de baixo se pode rasgar a qualquer momento. Despegas-te do grande vazio íntimo que há em ti, como uma placenta que se dilui e se extingue pelo ralo abaixo. Algo tem de morrer para autorizar nascer.

Eu não a deixei cair, mãe.

Será o estômago o único órgão capaz de sentir saudade de carne?

E vai daí não sei.

Preferias devorar uma gaivota ou um corvo? Bem-entendido, que isto é só a gente a falar.

Matar uma gaivota e depositá-la aos pés de uma mulher é acto desprezível, devias sabê-lo. Se matasses o corvo, a descendência dele perseguir-te-ia até ao fim dos teus dias, haverias de acordar todas as manhãs com bicadas vingativas nos vidros das janelas.

Se pudesse tirava-te os atacadores e o cinto, como se faz aos presidiários.

Ou desenhavas a giz os contornos do meu vulto no asfalto.

Sim, já eu, se tivesse engenho e arte, explicava-te a tranquilidade de ter esgotado todos os instintos de sobrevivência, a paz da indiferença perante qualquer ameaça, rio-me face à minha mortalidade, a mansidão do próximo passo em falso. Cinzas, já ninguém conseguirá queimar, escombros, já ninguém conseguirá demolir. Guardo muito respeito a deus, mas ainda mais à gravidade que me mantém grudado ao chão, como te digo, meu maior aliado.

De quem é esta mão, minha ou tua?

Não sei, tanto faz.

Parece-te mal escutar vozes dentro da minha cabeça?

Não, desde que te digam coisas acertadas.

E até que idade achas admissível ter um amigo imaginário?

E vai daí não sei.

Há pessoas que falam com anjos e santos e mendigam-lhes protecção a vida inteira.

Uma crença individual nunca terá o mesmo valor que uma colectiva. Quanto a isso nada poderás fazer, por mais inabalável que seja a tua fé particular.

Agarras na garrafa com as precauções de quem segura um filho acabado de nascer. Nunca pensaste em deixar de beber? Já. Durante um minuto e meio. Não conta? Não impressiona, de facto. A mim pareceu-me vasto como a escuridão. No final, eu era um campo de batalha abandonado, cheio de cadáveres insepultos e membros decepados.

Onde é que eu ia?

Está bonito, está. Ias num combate cansado, de cicatrizes antigas e estandartes a esbracejar derrotas ao vento e a rojar pelo chão.

Nem penses que volto para a página anterior.

Volta, temos de voltar atrás. Se voltas atrás, vais sozinho, não te acompanho.

Se insistes, vou ter de te pedir que tires os óculos, para te esmurrar sem que estilhaços te furem a retina, precisas de continuar a ver o caminho. Mas se eu nem uso óculos.

A bebida não te obriga a lutar até à morte.

Obriga-me a morrer devagar.

A vida é uma violência muito comprida. E, quando a morte me aparecer pela frente, quero encará-la embriagado, não te parece lúcido querer estar ébrio? Aí dou-te razão. Aceito tudo o que dizes, mas por favor não te ponhas a jogar xadrez com a morte à beira-mar. Porquê? Agonia-me o cliché, as imagens gastas de usadas e lambuzadas, os trilhos áridos de tão espezinhados. O lugar-comum está muito sobrevalorizado. Olho e não sinto nada. E vai daí não sei, basta-me saber que o regresso, para mim, já não existe e a bebida torna-se não uma saída, mas a única entrada. Por isso, vou empurrando a vida como o pedregulho de Sísifo, a acumular exaustões de véspera, mas a acautelar esforços estéreis.

Um pedregulho, o teu maior pesadelo.

Podia ser pior. Imagina que os deuses cancelam a condenação. E vê-se Sísifo, no cimo da colina, tendo por companhia o colossal calhau, companheiro de tantas escaladas, confrontado até à eternidade com o seu petrificado arrependimento. Ainda bem que ele rola ladeira abaixo.

Eu não a deixei cair, mãe.

A chuva que lança a areia do Saara

Uma carroça afasta-se, lesta, da costa. Na parte de trás, jaz Firmino, feito prisioneiro e condenado, sem saber, a trabalhos forçados numa pedreira escondida no cômculo de um Portugal remoto. Os homens que aí trabalham a pedra, dela querendo extrair um anjo, fazem-no em nome de uma fé sujeita aos caprichos de um pároco ávido de milagres, um artista cego e um burlão de meia-idade, abastado e caprichoso.

Há também nesta história uma mulher sem nariz, uma viúva com arroubos de paixão, um covarde violador, um lobo que nunca existiu, um cão que abandonou o dono, uma queda-d'água desviada, um apicultor por quem todos se enamoram e duas gémeas siamesas unidas pela ilharga. E, tudo cobrindo de um tom ocre, as poeiras migrantes do Saara, que viajam milhares de quilómetros para turvarem as vistas sempre que algo inesperado está para acontecer.

Galardoada com os mais prestigiados prémios literários, Ana Margarida de Carvalho regressa ao romance com um livro de fulgor inédito, repleto de personagens ímpares, que merecem lugar de destaque no panteão da grande literatura.



«Só parou quando a terra se fez duna e areia, e o rio contrariado se rendeu enfim, entregando ao mar os seus saques, espólio, pilhagens, testemunhas de todas as margens por onde passou, até a sua doçura tragada pela salinidade e imensidão. Tanta pressa, tanto arrasto, tanto sobressalto, para tudo se acabar ali, na dissolução. Firmino trespassou a linha da beira-mar, arderam-lhe os pés macerados, avermelharam-se os olhos, adentrou-se nas ondas, curvou-se, submisso, ante uma vaga agressiva, ficou-se durante uns tempos embrulhado nos redemoinhos, deixou-se ir naquele turbilhão sustendo a respiração até ao limite, até o mar se cansar daquele peso morto que nem sequer se debatia e o entornar na areia. Firmino saiu da água com uma fadiga boa. E umas saudades daquilo que deixou no futuro que não viveria.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-583-871-4



9 789895 838714